

Por dentro do Museu.



Vista parcial do Módulo Máfricas, do
Museu Afro-Brasileiro
Foto Marcelo Cunha

IBEJIS NO MAFRO

Ilma Villasboas

Ao longo da história, o nascimento de gêmeos sempre esteve associado as diferentes visões de mundo dos diversos grupos sociais. Na visão cosmológica de alguns grupos das sociedades africanas, por exemplo, o nascimento de gêmeos é visto como algo positivo e está associado a riqueza e a prosperidade. Porém, para outros grupos, o parto duplo é algo negativo que implica em uma ameaça à ordem e à estabilidade da sociedade¹.

Entre os Ioruba, que vivem principalmente no sudoeste da Nigéria e no sudeste do Benin, o nascimento de gêmeos estava associado ao sobrenatural e, ao mesmo tempo, a uma expressão do sagrado, conforme explica Montes (2011, p 34). Assim, o nascimento duplo é celebrado como um acontecimento especial para a cultura Iorubana, pois acredita-se que os gêmeos, quando honrados, trarão fartura as famílias, assim como para sociedade.

Na tradição das sociedades Ioruba, quando um dos gêmeos vem a falecer, ou os dois, é necessário mandar fazer uma estatueta Ibeji como uma representação da criança que

faleceu, ou seja: as estatuetas serão erigidas em honra aos seus gêmeos e ao seu orixá protetor Ìbejì ou Ìgbejì - em Iorubá Ibi = nascido; eji = dois (BEVILACQUA e SILVA, 2015, p 20). Tradicionalmente, é obrigação da mãe de gêmeos a encomenda da estatueta que ficará no “lugar” do gêmeo que faleceu. A encomenda é feita a um escultor que fará a estatueta de acordo com as tradições artísticas dos Iorubá: “a estatueta quase sempre apresenta braços paralelos ao corpo cujas mãos podem ou não ser arqueadas. Outro aspecto estilístico recorrente é a figuração dos olhos com pupilas vazadas” (BEVILACQUA e SILVA, 2005, p 20). A mãe dos gêmeos carregará a estatueta da criança junto ao seu corpo ou guardará em um local especial, como um altar.



Estatuetas de Ibeji - Etnia Ioruba
Origem: Ifanhim – República do Benin. Autor: Olalogun. Acervo Museu Afro-Brasileiro da UFBA. Fotografia: Claudiomar Gonçalves

A estatueta receberá o mesmo tratamento que o irmão que sobreviveu, assim: “Ihe serão oferecidas as mesmas coisas que, no cotidiano ou celebrações rituais, recebe o que permaneceu vivo”, e permanecerá no mundo material equilibrando as forças entre os dois mundos. O cuidado e atenção a ela dedicado ajudará a manter o gêmeo que sobreviveu na terra, evitando, assim, a perda do outro filho (MONTES, 2011, p 38).

A presença dos gêmeos nas famílias iorubana é tão especial e importante que o nascimento determina uma ordem na estrutura familiar (SOUZA JUNIOR, 2011, p 95). Dessa forma, os filhos sucessores das crianças nascidas nessas situações especiais são chamados de acordo a ordem de nascimento, assim: “Idowu é o nome que uma criança recebe por ter nascido após os gêmeos, se for homem, e Idogbê se for mulher. Alabá é o segundo filho que vem depois dos gêmeos. Idowu no Brasil virou Doum” (SODRÉ, 2011, p 108).

No Brasil, por conta do sincretismo afro-católico, as celebrações as divindades gêmeas iorubana foram associadas aos santos gêmeos católicos São Cosme e São Damião, celebrados no mês setembro. É possível encontrar pessoas dos diferentes universos religiosos celebrando os gêmeos Cosme e Damião, e o terceiro filho, Doum, chamando-os comumente de “santos-meninos”. Sobre essas celebrações aos gêmeos sagrados no Brasil, SODRÉ (2011, p. 105) ressalta que

Esses santos são conhecidos na intimidade como “santos meninos “dois-dois”, “os mabaças” ou ibeji e até erroneamente como erês. Proporcionalmente, no decorrer da aproximação do Cosme e Damião dos católicos com o personagem Ibeji dos iorubanos, a imaginária dos santos foi se infantilizando, permitido o culto das crianças numa versão afro-brasileira.

Assim, compreender as estatuetas de Ibeji é compreender a importância do nascimento de gêmeos na visão de mundo da cultura iorubana, assim como a importância da função social desempenhada por esses objetos criados para honrar os seus entes sagrados.

REFERÊNCIAS

BEVILACQUA, Juliana Ribeiro da Silva; SILVA, Renato Araújo da. África em Artes. São Paulo: Museu Afro Brasil, 2015, 56p

MONTES, Lucia Maria. Cosme e Damião: a arte popular de celebrar os gêmeos – Santos, Ibeji e Erês: O lugar dos gêmeos. In: COSME E DAMIÃO: a arte popular de celebrar os gêmeos. Coleção Ludmila Pomerantzeff. Maria Lucia Montes (Curadoria e Texto): Cândido da costa e Silva e Jaime Sodré (Textos) São Paulo: Expomus: Exposições, Museus e Projetos Culturais, 2011, p29 – 53

MUSEU AFRO-BRASILEIRO. Setor África: Projeto de Atuação Pedagógica e Capacitação de Jovens Monitores: material do estudante. Salvador: MAFRO: Centro de Estudos Afro-Orientais, Universidade Federal da Bahia, 2005

SODRE, Jaime. Cosme e Damião: celebração, africanização e memória. In: COSME E DAMIÃO: a arte popular de celebrar os gêmeos. Coleção Ludmila Pomerantzeff. Maria Lucia Montes (Curadoria e Texto): Cândido da costa e Silva e Jaime Sodré (Textos) São Paulo: Expomus: Exposições, Museus e Projetos Culturais, 2011, p 86 -111

SOUZA JUNIOR. Vilson Caetano de. Na palma da minha mão: temas afro-brasileiros e questões contemporâneas / Vilson Caetano de Sousa Junior; ilustrações de Rodrigo Siqueira. - Salvador: EDUFBA, 2011. 166 p



Ilma Silva Vilasbôas

Possui graduação em Museologia pela UFBA. É Mestre em Artes Visuais pelo Programa de Pós-Graduação da Escola de Belas Artes da UFBA. É Museóloga do Museu Afro-Brasileiro